

LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E FILOLOGIA: intersecções e especificidades epistemológicas

Vanessa Regina Duarte XAVIER
Universidade de São Paulo/FAPESP
vrdxavier@gmail.com

Resumo: O texto discorre sobre algumas afinidades entre os estudos lexicais, lexicográficos e filológicos, preconizando que a dialética entre eles revela-se mutuamente profícua. Por outro lado, abordam-se os objetos de estudo e posturas teórico-metodológicas que caracterizam cada disciplina, individualizando-as epistemologicamente. Apontam-se, ainda, alguns aspectos da composição de um Glossário de Manuscritos Goianos Setecentistas, sendo este compreendido como um produto unificador de tais abordagens. Por conseguinte, é mister remontar à origem dos glossários no cerne das investigações filológicas, pois a análise demonstra que estas há muito têm se valido de composições de cunho lexicográfico para auxiliar na interpretação dos textos, em especial aqueles escritos em tempos remotos. A Lexicologia e a Lexicografia, por sua vez, podem servir-se de fontes filologicamente preparadas para descrever e analisar a norma lexical vigente em diferentes épocas.

Palavras-chave: Lexicologia; Lexicografia; Filologia; Glossário.

Introdução

Este texto expõe algumas conceituações basilares dos objetos de estudo, métodos e abordagens da Lexicologia, da Lexicografia e da Filologia, com o fito de elucidar alguns de seus principais pontos de contato, explicitando, ainda, de que forma elas podem se complementar. Para tanto, nos baseamos em Basseto (2001), Spina (1977), Barbosa (1990), Turazza (1996) e Casares (1992). Pretende-se, portanto, fazer uma discussão teórico-metodológica sobre a interdisciplinaridade entre tais áreas de investigação, sem perder de vista suas especificidades epistemológicas, de vez que “é preciso distinguir para articular” (BARBOSA, 1990, p. 153).

O interesse por esta investigação surgiu em função de o nosso objeto de pesquisa possuir uma vertente léxico-filológica, que se pauta pela compreensão de que as ciências do léxico e os estudos de natureza filológica possuem muitas intersecções e que o diálogo entre eles pode ser muito frutífero para ambos os campos do saber.

Importa dizer que a pesquisa suprarreferida tem como objetivos centrais realizar a edição conservadora de documentos do século XVIII, bem como analisá-los em uma perspectiva lexical. Em virtude disso, optou-se por elaborar um glossário dos itens lexicais inventariados no *corpus* – razão pela qual adentramos no terreno da Lexicografia –, que servisse de suporte à análise lexical do mesmo, além de ser uma importante ferramenta na consulta da sua edição, pois é bastante provável que os itens apresentem sentidos desconhecidos pelo público em geral. Assim sendo, este texto discorre sobre alguns posicionamentos teóricos e abordagens metodológicas que circunscreveram a sua composição.

Diante do exposto, o presente trabalho faz um breve resgate da origem deste importante instrumento lexicográfico, vale dizer, o glossário, no cerne dos estudos filológicos, dando mostras de que a Lexicografia nasce atrelada à Filologia, tanto que o glossário foi elencado como um dos elementos elucidativos essenciais às edições críticas (BASSETO, 2001). De maneira sucinta, discutimos alguns aspectos da composição do Glossário de

Manuscritos Goianos Setecentistas, apontando a sua relevância para os estudos lexicais e filológicos.

1. Lexicologia, Lexicografia e Filologia: fundamentos epistemológicos e interdisciplinaridade

Conforme informa o título acima, este tópico pretende mostrar algumas congruências entre os estudos filológicos, lexicais e lexicográficos, para além de evidenciar algumas de suas peculiaridades, uma vez que constituem campos do saber distintos. Configura-se, pois, aqui, uma tentativa de formular e/ou resgatar algumas concepções que não de delimitar a nossa abordagem de cada disciplina e da relação que existe entre elas.

Integrantes das chamadas ciências do léxico, a Lexicologia e a Lexicografia possuem como objeto de estudo o léxico, distinguindo-se entre si pelos fundamentos teórico-metodológicos, dentre outros aspectos. À luz de Barbosa (1990, p. 152, grifo da autora), “Lexicologia e Lexicografia configuram duas **atitudes**, duas posturas e dois métodos, em face do léxico”. Para esta autora, a Lexicografia se ocupa da “compilação, classificação, análise e processamento” (1990, p. 154) do léxico, com o fito de elaborar dicionários. Por isso, muitas vezes é definida como uma técnica ou mesmo como uma ciência aplicada. De outra parte, a Lexicologia se caracterizaria pela formulação de teorias, tendo em vista a descrição e a análise do léxico, estando também entre suas funções analisar os processos de renovação lexical.

Em síntese, Barbosa considera que a “Lexicologia estuda o universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança” (1990, p. 157), enquanto a Lexicografia, por seu turno, é concebida como a técnica empregada na montagem de dicionários. Percebe-se, assim, que as concepções e/ou finalidades de tais disciplinas não se confundem, conquanto estejam interligadas, haja vista que são vários os elementos da estruturação, do funcionamento e da mudança lexical presentes nos dicionários, tais como nas aceções, abonações, na indicação da pronúncia, assim como de sinônimos, antônimos e da etimologia das palavras. A Lexicologia, por esse prisma, fundamenta a elaboração de obras de referência, como é o caso dos dicionários, e impõe reajustes à Lexicografia à medida que suas investigações avançam.

Por outro lado, a Lexicografia pode servir de embasamento aos estudos lexicais, uma vez que fixa as aceções dos signos linguísticos em estados de língua diversos e as registra de modo sistematizado, podendo ser usada como referência das normas lexicais vigentes nas mais variadas épocas. Além disso, através da produção de obras lexicográficas, como dicionários, glossários e vocabulários, das mais diferentes ordens, como históricos, etimológicos, ortográficos, terminológicos etc., a Lexicografia favorece uma ampla e variada gama de pesquisas no âmbito da Lexicologia, a exemplo dos neologismos, arcaísmos, empréstimos linguísticos, regionalismos etc.

Turazza (1996) sumariza a complementaridade entre a Lexicologia e a Lexicografia postulando que

o lexicógrafo necessita de certos modelos teóricos que expliquem certas características de estruturação de um conjunto lexical, para que possa dar tratamento adequado às unidades lexicais sob seu exame; o lexicólogo, por outro lado, apoiado em dados fornecidos pela lexicografia, pode construir modelos de um universo lexical capazes de permitir a descrição da natureza e das funções deste universo (p. 73).

Assim é que a Lexicografia depende da descrição e da análise lexical feitas pela Lexicologia para a composição de instrumentos lexicográficos. Esta, por sua vez, leva em

conta os dados disponíveis em tais produções para formular teorias de descrição, assim como mecanismos de análise do léxico.

Face a isto, Casares (1992) salienta que a Lexicologia e a Lexicografia são ciências conexas, que possuem em comum o estudo da origem, da forma e do significado das palavras. Apesar disso, o autor reconhece que o labor lexicográfico demonstra um caráter principalmente utilitário, pois tem a função de listar o acervo lexical de uma língua para a sua definição. Por conseguinte, distingue tais disciplinas pelos sufixos *-logia* e *-grafia*, fazendo corresponder a primeira à ciência e à teoria lexicais, e a segunda à técnica e à arte, em geral vinculada à produção de obras de referência. Para ele, a Lexicografia é uma atividade prática, isto é, uma *operación material*. De modo similar, Batista (2011, p. 31) define a Lexicografia como “a técnica e a prática da escrita de dicionários”.

Em Welker (2005), contudo, a Lexicografia encontra-se subdividida em Lexicografia Prática e Lexicografia Teórica, sendo que a primeira abarca a técnica de elaboração de dicionários e a segunda tem como meta a reflexão e a discussão sobre o seu uso, tipologia e problemas. Cabe pontuar que a Lexicografia Teórica também recebe a denominação de Metalexicografia, como em Barbosa (1990).

No entanto, há que se levar em conta que a produção de instrumentos lexicográficos não se desvincula do estabelecimento de uma epistemologia ou, em outros termos, de uma reflexão teórica sobre os seus procedimentos e métodos. Nessa perspectiva, adotamos neste trabalho a premissa de que a teoria e a prática ou técnica lexicográfica são realidades indissociáveis dentro da Lexicografia.

Outro problema observado nas definições dadas por Welker (2005), Batista (2011), bem como em outras citadas anteriormente, refere-se ao fato de elas fazerem menção ao dicionário como o único produto da atividade lexicográfica, parecendo considerar, equivocadamente, que o saber e a técnica lexicográfica se voltam exclusivamente para esta obra, ignorando tantas outras de igual relevância, tais como os glossários, vocabulários etc. Diante disso, pode-se constatar que têm sido escassos os estudos lexicográficos de natureza teórica a tematizar a elaboração de glossários e vocabulários, em contraste com inúmeros trabalhos a respeito da estrutura e composição dos dicionários.

No que diz respeito à Filologia, reconhecemos que o seu material de estudo é o texto, entendido como um instrumento que permite desvendar aspectos da história e da cultura de uma civilização, nele representados ou aludidos. Mais especificamente, o filólogo se ocupa, sobretudo, do texto escrito antigo, estabelecendo-o e preparando-o para a publicação, além de comentá-lo, tornando-o mais inteligível ao consulente de modo geral.

À esteira de Spina (1977), nos primórdios, a crítica textual constava da investigação estilística das produções dos poetas, da explicação da história do conteúdo dos textos e do que o autor chama de “*interpretatio* das palavras”, feita através das glosas, que forneciam sinônimos mais populares e conhecidos ou explicações sobre os significados das palavras do texto. Desse modo, percebe-se que a Lexicografia e a Filologia já estavam imbricadas desde o seu surgimento.

Basseto (2001, p. 37) assevera que a Filologia pode ser definida como “a ciência do significado dos textos e em sentido mais amplo, como a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura”. Isso implica dizer que na tarefa de investigar o significado dos textos ela precisa, muitas vezes, recorrer ao auxílio da Lexicografia para esclarecer as acepções das lexias, tomando por base o seu contexto discursivo. Já a segunda parte da definição reforça que o estudo do texto requer, ainda, a consideração do contexto sócio-histórico que nele se configura. A esse respeito, cumpre dizer que “o vocabulário é o domínio, por excelência, em que estão codificados os símbolos da cultura” (BIDERMAN, 1981, p. 133). Com isso, fica

evidente que a investigação filológica tem também a Lexicologia como uma importante aliada no estudo da cultura e da história de um povo.

Além disso, tendo em vista que o texto se constrói a partir do arranjo entre elementos gramaticais e lexicais da língua, pode-se afirmar que o conhecimento acerca da estrutura e do funcionamento do léxico é fundamental para a compreensão textual. Nessa medida, a Lexicologia também oferece, indiscutivelmente, suporte à prática filológica, já que o léxico compõe a tessitura textual.

Por outro lado, a Filologia tem proporcionado uma vasta contribuição à Lexicologia e a Lexicografia, compondo fontes fidedignas principalmente à abordagem diacrônica do léxico. Isso porque a edição conservadora de textos antigos traz a lume a norma lexical corrente em determinada época, que pode embasar pesquisas sobre a renovação do léxico, arcaísmos, dentre outras. Similarmente, os textos editados filologicamente também fornecem dados de suma relevância para a Lexicografia, porquanto permite resgatar usos e acepções remotas dos lexemas, assim como informações sobre a datação destas.

2. O Glossário de Manuscritos Goianos Setecentistas como ferramenta dos estudos lexicais e filológicos

Basseto (2001) observa que a origem dos glossários remonta às anotações entre as linhas ou nas margens dos textos antigos, que tinham por objetivo esclarecer as suas passagens mais complexas. Com o tempo, elas passaram a ser reunidas e organizadas em ordem alfabética, possibilitando, conseqüentemente, uma maior praticidade na sua consulta.

Para Haensch *et al* (1982), o glossário é um conjunto de glosas dispostas em ordem alfabética ao final de um texto. Os autores pontuam que, em sua origem, a Lexicografia preocupava-se com o esclarecimento de palavras antigas, sendo que somente tempos mais tarde ela se voltou também para o léxico contemporâneo.

Segundo Spina (1977, p. 60), a Filologia nasce como “comentário de textos”. Logo, cabia a ela a explicação dos textos, a qual, não raro, contava com o apoio das glosas e, posteriormente, dos glossários. No dizer do autor, o papel dos filólogos era “catalogar as obras, revê-las, emendá-las, comentá-las, provê-las de sumários e de apostilas ou anotações (escólios), de índices e glossários (indicações marginais sobre as variantes das palavras), de tábuas explicativas” (1977, p. 61). Isso demonstra o uso de notas explicativas do vocabulário dos textos antigos, que deram origem aos glossários, como importantes ferramentas de interpretação dos mesmos.

A finalidade fundamental da Filologia é assim descrita por Spina (1977):

A explicação do texto, tornando-o inteligível em toda a sua extensão e em todos os seus pormenores, apela evidentemente para disciplinas auxiliares a (literatura, a métrica, a mitologia, a história, a gramática, a geografia, a arqueologia, etc.), a fim de elucidar todos os pontos obscuros do próprio texto (p. 75).

Acresce-se a isto que o filólogo não pode prescindir da Lexicologia e da Lexicografia, tendo em vista o seu objetivo de facilitar a compreensão dos textos ao público em geral, pois, em se tratando de textos antigos, a variação lexical revela-se notável e pode comprometer a interpretação e análise dos textos editados filologicamente. A par disso, o glossário, no estudo filológico, tem como intuito esclarecer as palavras obscuras destes, com base no contexto discursivo, uma vez que ele deve subsidiar a compreensão do leitor, eliminando as lacunas do texto. De outra parte, o glossário é um instrumento lexicográfico de grande valia para a análise do léxico em uso em determinada época, de modo que ele fixa as acepções em que os signos foram empregados, atesta o seu uso e o autoriza.

O Glossário de Manuscritos Goianos Setecentistas compôs-se dos verbos, substantivos e adjetivos inventariados em setenta e três fólios do “Livro para servir no registro do caminho novo de Parati – Thomé Ignácio da Costa Mascarenhas (1724-1762)”, uma vez que as palavras lexicais são mais suscetíveis a mudanças que as chamadas palavras estruturais (BIDERMAN, 2001). Seu escopo em nosso estudo está ligado ao esclarecimento dos significados dos signos em documentos escritos há mais de dois séculos, assim como à fundamentação da nossa análise dos movimentos de ampliação e retração semântica de tais categorias lexicais. De acordo com Jackson (2002, p. 23), na consulta aos dicionários, “we look up a word that we have met and with which we are not familiar, and whose meaning we need to ascertain”¹.

O autor (2002) acrescenta, ainda, que “The body of a dictionary contains an alphabetical list of ‘headwords’. Each headword is accompanied by a number of pieces of information, which together with the headword constitute the ‘entry’”² (p. 25). O mesmo ocorre com o glossário, cuja nomenclatura é formada por um conjunto de entradas, que são acompanhadas de suas respectivas definições, e ordenada pelo critério alfabético.

Em vista disso, o Glossário aqui descrito visa fornecer informações ortográficas, semânticas, gramaticais e sintagmáticas dos lexemas através dos seus lemas, acepções, classificações gramaticais e abonações, sendo que a sua preocupação primeira é com a descrição dos seus significados, um dos principais motivos que levam à consulta em obras de referência, segundo Jackson (2002). É o que corrobora Murakawa (2010, p. 335): “É a partir da palavra-entrada ou lema que se organiza o verbete ou artigo lexicográfico que oferece uma série de informações sobre a unidade lexical em estudo, informações que se oferecem a múltiplos aspectos, mas que têm sua prioridade no aspecto semântico”.

O Glossário não tem a pretensão de ser exaustivo e nem mesmo de acompanhar as transformações lexicais ocorridas diacronicamente. Seu intuito é esclarecer os usos atestados no *corpus*. Por essa razão, a seleção das acepções que seriam incluídas nas definições dos lemas teve como critério os contextos de uso observados no *corpus* e que também constituíram as abonações do glossário. Em consonância com Dubois e Dubois (1971, p. 91), os exemplos de uso dos lexemas “justifient la définition de l’entrée”³. É o que ilustra a ficha catalográfica a seguir:

BEM, s. “Beneficio. (...) Virtude. (...) Proveito. Utilidade (...) Riquezas” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 93); “Bens, pl. fazenda, haveres” (MORAES SILVA, 1813, p. 275): “attendendo porem ao servico de Vossa Magestade e aobem Comum dos seus vassalos” (71r.); “perseverem nobem | que tem principiado” (89r.); “no cazo em que hum só | tenha bens por donde pague” (90r.).

Nesse sentido, Dubois e Dubois (1971) asseveram que os dicionários, e aqui podemos arrolar também os glossários, atendem a uma demanda de informação, visto que intentam suprir as lacunas existentes entre o conhecimento do autor e o de seus leitores, que dominam, efetivamente, partes do léxico da língua que são apenas parcialmente equivalentes entre si. De acordo com Haensch *et al* (1982), a Lexicografia presta um serviço à coletividade, facilitando o seu acesso aos mais diversos objetos culturais.

¹ “nós procuramos uma palavra que encontramos e com a qual não estamos familiarizados, e cujo significado é preciso conhecer”.

² “O corpo de um dicionário contém uma lista alfabética de ‘palavras-entradas’. Cada palavra-entrada é acompanhada por uma série de peças de informação, que juntamente com a palavra-entrada constituem a ‘entrada’”.

³ “justificam a definição da entrada”.

Tratando do dicionário, Dubois e Dubois (1971) afirmam, ainda, que ele é um discurso sobre a língua e a cultura. Analogicamente, podemos afirmar o mesmo sobre os glossários, que precisam analisar ambas para a sua composição. Os autores concebem, ainda, os glossários como objetos culturais, porque eles testemunham fatos históricos de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto em questão teve o intuito de evidenciar que o diálogo entre a Lexicologia, a Lexicografia e a Filologia é não somente possível, como também muitas vezes se faz necessário, sem perder de vista as suas especificidades, entretanto. Assim, a análise mostrou que a Lexicologia e a Lexicografia, embora possuam finalidades diversas, se complementam na medida em que os modelos e teorias elaborados pela primeira fundamentam a composição de obras de referência, escopo fundamental da segunda. O inverso também é verdadeiro, já que a Lexicografia fixa as acepções que os lexemas possuem em determinado estado de língua, viabilizando a explicação da estrutura e funcionamento do léxico, que está a cargo da Lexicologia. Ademais, apontamos alguns problemas de ordem teórico-metodológica no campo da Lexicografia.

Também foi possível perceber que a Filologia possui vários pontos de contato com a Lexicologia e com a Lexicografia, de vez que a explicação do texto passa pela compreensão do seu componente lexical, ao passo que aquela se incumba da produção de fontes fidedignas aos estudos lexicais de modo geral.

No segundo tópico, falamos brevemente sobre a composição do Glossário de Manuscritos Goianos Setecentistas, preconizando-o como uma ferramenta bastante útil tanto aos estudos lexicais quanto aos filológicos, abordando, ainda, alguns aspectos sobre a sua origem no âmbito da Filologia, a saber, acompanhando edições críticas. Tal fato se revela na elaboração de glosas para o esclarecimento de passagens do texto. Além disso, o estudo da história e da cultura através dos textos, que está entre as atribuições da Filologia, também se coaduna com a Lexicologia, uma vez que o léxico é o nível da língua que mais bem evidencia a realidade extralinguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro para servir no registro do caminho novo de Parati – Thomé Ignácio da Costa Mascarenhas (1724-1762). Arquivo Histórico Estadual de Goiás. 1724-1762. fólios 66-139.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In *Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica*. Brasília, 1990. p. 152-158.

BASSETO, B. F. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BATISTA, R. O. *A palavra e a sentença: estudo introdutório*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lingüística: (teoria lexical e lingüística computacional)*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. A estrutura mental do léxico. In QUEIROZ, T. A. (Ed.) *Estudos de filologia e lingüística*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. p. 130-145.

BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

CASARES, J. *Introduccion a la lexicografia moderna*. 3 ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

DUBOIS, J; DUBOIS, C. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971.

JACKSON, H. The dictionary. In _____ *Lexicography: an introduction*. London and New York: Routledge, 2002. p. 21-30.

HAENSCH, G. *et al. La lexicografía: de la Lingüística teórica a la Lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

MORAES SILVA, A. *Diccionario da lingua portugueza*. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.

MURAKAWA, C. A. A. Dicionário histórico do português do Brasil: um modelo de dicionário histórico. In *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, n 12. vol. 2. São Paulo, 2010. p. 329-349.

SPINA, S. *Introdução à edótica*. São Paulo: Cultrix, 1977.

TURAZZA, J. S. *Léxico e criatividade*. São Paulo: Plêiade, 1996.

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia*. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2005.